

O REI ARTUR E SUA APROPRIAÇÃO NA LONGA DURAÇÃO, DO REI AFONSO III, DE PORTUGAL A D. SEBASTIÃO, O DESEJADO

Adriana ZIERER¹

Resumo:

A partir do século XIII circularam na Península Ibérica dois relatos sobre a imagem do rei Artur que foram apropriados com fins políticos para o fortalecimento da figura régia. O primeiro foi a novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, manuscrito em francês traduzido para o português em meados desse século por ordem de Afonso III. A outra foi uma crônica navarra intitulada *Libro de las Generaciones* (1270), que continha a genealogia dos reis celtas, onde se destaca Artur e seus atributos mais característicos como rei-guerreiro e rei-justo. Em ambas as obras a predominância desses elementos foram inspiradas na obra *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth, escrita na Inglaterra entre 1135 e 1138. A *Historia Regum* apresenta Artur como um rei expansionista, matador de dois gigantes e conquistador de trinta reinos. Esses elementos reaparecem bem definidos nas narrativas que circularam na Península Ibérica. Os atributos positivos de Artur foram associados ao rei Afonso III de Portugal e em suas crônicas, em oposição ao seu irmão Sancho II, conhecido como um rei “fraco”, segundo as crônicas. Os elementos messiânicos de Artur também foram associados a D. João I e também ao seu comandante militar Nuno Álvares Pereira. A associação entre Artur e um rei ideal está também associada à imagem de D. Sebastião, morto na batalha de Alcácer-Quibir (1578). Até hoje algumas populações pobres no Brasil, como na ilha dos Lençóis, no Maranhão ainda acreditam no retorno de d. Sebastião para trazer uma era de prosperidade e riqueza, mito que está associado ao caráter messiânico do rei Artur.

Palavras-chave: Rei Artur, Apropriação, Afonso III, D. Sebastião, o Desejado.

Abstract:

From the thirteenth century on circulated in the Iberian Peninsula two accounts on the image of King Arthur which were appropriated for political purposes to strengthen the royal figure. The first was the chivalric novel *The Quest for the Holy Grail*, written in French and translated to Portuguese in mid-century by order of the king Afonso III. The other was a chronic Navarre entitled *Libro de las Generaciones* (1270), which contained the genealogy of the Celtic kings, which highlights Arthur and his most characteristic attributes as warrior-king and a fair-king. In both works the predominance of these elements were inspired by the work *Historia Regum Britanniae*, written by Geoffrey of Monmouth, in England between 1135 and 1138. The *Historia Regum* presents Arthur as an expansionist king, killer of two giants and conqueror of

¹ Doutora em História Medieval. Estágio Pós-Doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Docente da Graduação e do Mestrado em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); professora do Mestrado em História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É uma das coordenadoras dos laboratórios de pesquisa *Brathair* - Grupo de Estudos Celtas e Germânicos e *Mnemosyne* - Laboratório de História Antiga e Medieval. Diretora da *Mirabilia* - www.revistamirabilia.com e atualmente editora-chefe da *Brathair* - <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>.

thirty kingdoms. These well-defined elements reappear in the narrative that circulated in the Iberian Peninsula. The positive attributes of Arthur were associated with King Alfonso III of Portugal and its chronic as opposed to his brother Sancho II, known as a "weak" king, according to the chronicles. Messianic elements of Arthur were also associated with king John I and also to his military commander Nuno Alvares Pereira. The association between Arthur and an ideal king is also connected with the image of king Sebastian, who died at the Battle of Alcazarquivir (1578). To this day, some poor people in Brazil, as the inhabitants of the Lençóis Island in the state of Maranhão, still believe in d. Sebastião's return to bring an era of prosperity and wealth, myth that is associated with the messianic character of King Arthur.

Keywords: King Arthur, appropriation, King Afonso III, of Portugal, King Sebastian, the Desired

Origens do rei Artur

O rei Artur é um personagem mítico ligado à resistência dos bretões, povo que habitava a Bretanha (atual Grã-Bretanha), à invasão saxã no seu território, iniciada em meados do século V e completada no século VI quando foi instituída a heptarquia anglo-saxônica, com a formação de sete reinos no território, excetuando-se a Irlanda e a Escócia. Esses reinos eram independentes entre si, com a tendência dos mais fortes absorverem os mais fracos. O território ficou conhecido como terra dos anglos ou Inglaterra.

A partir de então a antiga população de origem celta fugiu para as montanhas no oeste e norte (Cornualha, País de Gales e Escócia), para o sul estabelecendo-se na Pequena Bretanha, na Armórica (norte da França), fundiu-se com os conquistadores ou morreu lutando contra os inimigos.

Neste contexto surgiram narrativas sobre um rei perfeito, Artur, capaz de unir os bretões contra os saxões e expulsá-los. O mito é uma explicação simbólica da realidade, ligada aos sentimentos e emoções de uma comunidade (CASSIRER, 1972, p. 134), significando a resistência, no campo das idéias aos invasores. Essas histórias se espalharam através das figuras dos recitadores e cantores, como o bardo galês Bleheris ou Bledfri que transmitia os relatos através da tradição oral nas cortes (LOOMIS, 2000, p. 34).

A primeira menção a Artur por escrito aparece no poema galês *Gododdin*, de Aneirin, que menciona um guerreiro forte e poderoso, Gorddur, mas ressalva que ele "não era Artur" (*Gododdin*, 1995, p. 305, v. 1237-1244), o que denota que o personagem mítico já era bastante conhecido então. É importante salientar que o País de Gales representou um importante foco de resistência dos bretões contra os saxões e há vários textos provenientes dali enfocando o rei Artur.

Nos textos galeses Artur aparece sempre como um rei e está ligado ao caldeirão da abundância, que mais tarde teria dado origem às narrativas sobre o Santo Graal, como no poema *Preideu Annwvyn*, no qual Artur e seus guerreiros vão ao Outro Mundo Celta em busca desse caldeirão e não obtém sucesso (ZIERER, 2002, p. 57-59).

Nos textos latinos, Artur nem sempre é visto como rei. Ele surge pela primeira vez no relato *Historia Brittonum* (História dos Bretões, c. 800), de Nennius. A obra sofreu interpolações até o século XIII. A versão de Nennius é muito importante para o

desenvolvimento da imagem de Artur. O autor, de origem clerical, procura apresentar a conquista saxã como motivada pelos “pecados” dos bretões. No seu relato, o herói não é rei, mas um *dux bellorum* (chefe guerreiro), que na batalha do Monte Badon teria matado sozinho 960 saxões carregando nos ombros o escudo com a imagem da Virgem Maria.

Na *Historia Regum Britanniae* (História dos Reis da Bretanha, 1135-1138), de Geoffrey de Monmouth, composta após a conquista normanda na ilha (1066), ele é apresentado como um *rei-guerreiro cristão*. Nessa obra o relato sobre Artur ocupa um terço da obra, que se caracteriza com aspectos de crônica e canção de gesta (relato épico). Retomando vários aspectos da *Historia Brittonum*, Artur aparece como invencível, portando elementos pagãos e cristãos, como a sua espada Caliburn, forjada no Outro Mundo Céltico e o escudo com a imagem da Virgem, como ligação ao cristianismo. Um dos seus símbolos é o dragão, gravado em seu capacete de ouro, pois seu pai chamava-se Utherpendragon (cabeça de dragão).

O rei-guerreiro tem um aspecto cruzadístico, pois luta pela fé cristã e contra o paganismo. Conquista trinta reinos, mantém a paz por doze anos e vence todos os seus oponentes, como o tribuno romano Frolo, descrito como de alta estatura e muito forte fisicamente, que o desafia a um combate singular. Mata também dois gigantes e é apresentado no relato como um “leão feroz” (HRB, 1993, p. 251). Vejamos Artur como rei-guerreiro na imagem a seguir (fig. 1):

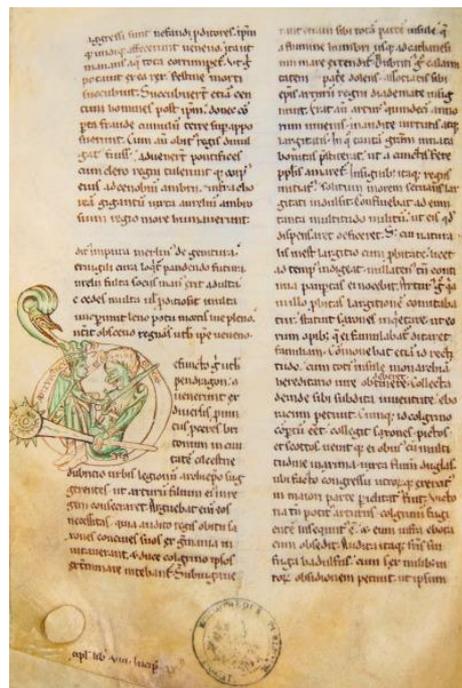


Figura 1. Artur derrota o gigante do Monte S. Michel. Final do Século XII. Ilustração de manuscrito da *Historia Regum Britanniae*. Ms. 880, f. 66v. Bibliothèque Municipale. Douai.

Na imagem (fig. 1), Artur é retratado em combate contra o gigante. O primeiro possui atributos régios: a coroa, seu escudo Pridwen às costas e sua espada Caliburn, com a qual

derrota o oponente, retratado na imagem em tamanho maior e portando uma clava (ZIERER, 2013, p. 249). Ambos estão sentados, retratados em tons verdes numa espécie de círculo, na verdade uma inicial iluminada (letra D), que inicia a frase “*Defuncto igitur Utherpendragon*” (Então, depois da morte de Utherpendragon ...). Na letra estão escritas as palavras “Artur rex” e “gigas” (gigante). Artur com uma das mãos segura os cabelos do monstro para melhor golpeá-lo: a espada do rei toca o pescoço do inimigo, sendo que os pés do gigante e sua clava se projetam para fora da letra. O combate lembra a luta de Davi contra Golias.

Mais tarde, segundo a *Historia Regum*, o rei deixa o reino aos cuidados do sobrinho Mordred para atacar o Império Romano, que lhe exigira tributos. Mesmo vencendo as batalhas contra Roma é obrigado a retornar porque o sobrinho alia-se com sua esposa Guinevere e usurpa o trono. Ao lutar contra este é gravemente ferido e levado para Avalon para curar os seus ferimentos. A narrativa não explica se o rei iria voltar, mas esta crença ficou forte no imaginário sobre Artur.

A *Historia Regum Britanniae* foi utilizada politicamente desde a sua confecção. O relato foi uma encomenda de Henrique I, rei da Inglaterra e vassalo do rei Luís, VI, o Gordo, da França. Tinha por propósito fazer frente à monarquia francesa e apresentar os normandos na Inglaterra como descendentes do rei Artur, visando angariar simpatias da antiga população de origem celta. A obra foi apropriada especialmente pelo neto de Henrique I, Henrique II Plantageneta, rei da Inglaterra e vassalo de Luís VII, da França, que ao casar-se com a ex-esposa de Luís VII, Leonor da Aquitânia, passou a contar com mais territórios na França que o monarca daquele reino. A imagem de Artur contrapunha-se a de Rolando, herói da canção de gesta *A Canção de Rolando*, símbolo dos franceses e do seu poder.

O Plantageneta pediu que a *Historia Regum Britanniae* fosse traduzida do latim para o anglo-normando, o que foi feito por Robert Wace na sua obra *Roman de Brut*, que deu ainda mais ênfase à figura de Artur. Para dar mais veracidade à figura desse rei os túmulos de Artur e Guinevere foram “encontrados” na abadia de Glastonbury em 1191.

O REI ARTUR EM PORTUGAL

As narrativas arturianas circularam oralmente e por escrito também nos reinos ibéricos. A primeira obra que menciona Artur é a crônica *Anales Toledanos Primeros* (1219) (LAPA, 1973, p. 222). No mesmo período a literatura arturiana está presente na poesia trovadoresca, através dos Cancioneiros. O *Cancioneiro da Ajuda* (do último quartel do século XIII) menciona os personagens Tristão, Isolda e Merlin e o *Cancioneiro da Vaticana* (composto no século XV) cita um animal demoníaco nos relatos arturianos, a besta ladradora, e a morte de Merlin.

Além disso, circulou na Península Ibérica a novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, que se acredita ter sido trazida inicialmente da França para Portugal pelo conde Afonso de Bolonha, futuro rei Afonso III (1249-1279) em meados do século XIII e traduzida a pedido deste pelo frei Vivas ou Bivas, da ordem de Santiago (CASTRO, 1983, p. 82). Pertencente também ao chamado ciclo da Post –Vulgata da Matéria da Bretanha como a *A Demanda* estaria *O Livro de José de Arimatéia*, do século XIV. No período do reinado de Afonso III, além da circulação de *A Demanda do Santo Graal* e do *Cancioneiro da Ajuda* foi composta uma crônica navarra entre 1260-1270, o *Libro de las Generaciones*, que apresenta um pequeno

resumo da *Historia Regum Britanniae*, onde Artur aparece como um rei-guerreiro. Este resumo foi transposto mais tarde para um nobiliário português, o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (1340) (ZIERER, 2013, p. 249-257).

Em *A Demanda do Santo Graal* o centro da narrativa são as aventuras dos cavaleiros para encontrar o Santo Vaso, cálice sagrado contendo o sangue de Cristo. Nessa obra o rei Artur é descrito como “pecador” e ao mesmo tempo é chamado de “o melhor rei do mundo” (DSG, 1995, p. 398). Embora não exerça o papel principal, seus elementos guerreiros, tal como aparece em Geoffrey de Monmouth, são enfatizados, pois Artur aqui, assim como na *Historia Regum Britanniae* é apresentado como um bom rei e um excelente combatente.

Acreditamos que as obras que circularam no período do reinado de Afonso III, em especial *A Demanda do Santo Graal* e o *Libro de las Generaciones*, retratam a figura de Artur com traços de rei-justo e guerreiro, inspirados nos atributos apresentados por Geoffrey de Monmouth, que foram utilizados pelos cronistas para a construção da imagem de Afonso III como monarca. Os relatos sobre esse rei se inspiraram nas descrições sobre Artur e também apresentaram Afonso III como um rei que aplicou bem a justiça e que teve sucesso nas guerras travadas.

A seguir temos o Quadro 1, com os traços guerreiros de Artur na *Historia Brittonum*, *Historia Regum Britanniae* e em *A Demanda do Santo Graal*:

Quadro 1.

ATRIBUTOS GUERREIROS DE ARTUR NA *HISTORIA BRITTONUM*, *HISTORIA REGUM BRITANNIAE* E NA *DEMANDA DO SANTO GRAAL*

ATRIBUTOS	HB	HRB	DSG
Guerreiro ou Rei-Guerreiro em combate	“E sob o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo e sob o poder da sagrada Virgem Maria, sua mãe, houve grande mortandade entre eles [os saxões]. A décima segunda batalha foi no Monte Badon, no qual caíram em um só dia 960 homens de uma investida de Artur e ninguém os golpeou exceto o próprio Artur, e em todas as batalhas ele saiu como vencedor. ” (cap. 56) ²	“Todos aqueles com quem se batia, invocando Deus, morriam ao primeiro golpe de espada. Ele não suspendeu seu ataque até ter matado 470 soldados com sua única arma Caliburn ” (1983, p.215)	“E ele meteu mão a espada, que era boa e bem cortadora e ele era muito corajoso e muito forte e defendia-se tão bem e tão valentemente que diziam bem quantos o viam que aquele era o rei Artur , e seus inimigos também o louvavam e prezavam muito, tanto o viam bem defender-se”. (1988, p. 344)

² Todos os grifos nas citações são nossos.

No Quadro 1 é possível observar que na *Historia Brittonum* é graças ao apoio da Virgem Maria através da sua imagem no escudo que Artur é capaz de vencer em um só dia 960 saxões. Já na *Historia Regum Britanniae* sobre o mesmo episódio da luta no Monte Badon, Geoffrey de Monmouth afirma que o rei, graças ao auxílio divino, teria matado 470 saxões. E em *A Demanda do Santo Graal* embora Artur seja descrito como um rei pecador é enfatizado que sua espada era “boa e bem cortadora” e que o soberano era “forte e corajoso”, motivo pelo qual até os seus inimigos o respeitavam devido a sua habilidade guerreira.

A seguir vejamos no Quadro 2 os atributos arturianos, especificamente os traços bélicos de Artur, que circularam em obras da Península Ibérica, e como esses atributos estão próximos dos traços de rei-justo e guerreiro da *Historia Regum Britanniae*:

Quadro 2.

ACÇÕES E ATRIBUTOS DO REI ARTUR NA *HISTORIA REGUM BRITANNIAE*, *A DEMANDA DO SANTO GRAAL* E *LIBRO DE LAS GENERACIONES*

OBRAS	ATRIBUTOS		
	Rei-Guerreiro, derrota gigantes	Rei-Justo	Artur Derrota o Império Romano
HRB	“[...] ele batia violentamente no monstro com sua espada tanto de um lado quanto do outro, e não houve golpe que não lhe trouxesse uma ferida mortal, fendendo-lhe a cabeça de seu glaivo lá onde o crânio protege o cérebro.” (p. 234)	“Artur era então um jovem de 15 anos, de uma coragem e generosidade excepcionais. Sua bondade natural lhe dava uma tal graça que todos os amavam. Investido de insígnias reais, ele conservou seus hábitos e deu provas de largueza . (...) Ele restabeleceu no seu reino uma paz durável e lá permaneceu por doze anos.” (p. 203)	Os romanos caíram aos milhares. O próprio imperador Lúcio (...) acabou por sucumbir, transpassado por uma lança anônima. Colocados em fuga parte dos aterrados romanos buscou refúgio (...) mas os bretões os perseguiram tenazmente e os matavam sem piedade.” (p. 252-253)
DSG	-	“-Por boa fé, disse Galaaz, de quem tendes a terra? - Do rei Artur, disse ela e também dele. - Pois ide-vos queixar ao rei e vos fará justiça. ”	“Quando [Artur] viu que Galvão e outros cavaleiros já estavam sãos, saiu com todo o seu exército contra o Imperador de Roma e lutou com ele e venceu--o e matou-o. ” (1988, p. 493)
LG	“[...] e vençio a todos sus enmigos, e paso por muytas auenturas e mato muchos gigantes [...]	Morio Uterpradagon e rregno su fijo Artus. Este rrey Artus fo muyt buen rrey e leal [...]e fezo tantas de bondades que sienpre fablaran del. Este rrey Artus ouo vn dia	Luçius Iber, enperador de Rroma que tornas el rrey Artux su vasallo [...].E si non, quel vernia a el e quel toldria sa tierra [...].Quando vio el

	(1971, p. 281)	cort en Cayrlion , so çiudad. Et esta cort fo muy grande e muy alta e bona (1971, p. 281)	enperador que Artus venia sobre el, aplego so huest e ysiol a la carrera. Conuatieron se anbose vençio el rrey Artus. e fo E rrancado el enperador. ”
--	----------------	---	--

Conforme o Quadro 2 podemos observar que a luta entre Artur e os gigantes, elemento que denota o grande ímpeto guerreiro do rei, é mencionada tanto na *Historia Regum Britanniae* como no *Libro de las Generaciones*. Além disso, todos os relatos destacam o fato da sua generosidade, bondade, justiça e o fato dele convocar as cortes, isto é, ouvir a opinião dos seus pares antes de tomar as decisões. Outro episódio relatado nas três fontes, também enfatizando o aspecto guerreiro de Artur, é a sua luta contra o Império Romano, representado pelo imperador Lúcio Hibério, que injustamente lhe exige de tributos e que por este motivo é derrotado e morto por Artur.

A ascensão de Afonso III ao poder e sua relação com o rei Artur



Figura 2. Retrato de Afonso III, rei de Portugal.³

³ In: SERRÃO, J. (Dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 1976, v. I, p. 40.



Figura 3. Retrato de Sancho II.⁴

Afonso III chega ao poder em Portugal quando o rei Sancho II (1223-1248), seu irmão, é deposto pelo papa em 1245, em virtude de não conseguir controlar a violência dos nobres por disputas de terras. Com a sua nomeação como “regedor do reino” inicia-se uma guerra civil entre os irmãos. As cantigas de escárnio e mal-dizer compostas na época ironizam o fato de muitos nobres haverem abandonado a fidelidade a Sancho II e se tornado favoráveis a Afonso III (MARQUES, 2010, p. 210).

Buscando apoio, Sancho II pediu auxílio ao rei de Castela na luta contra Afonso III, mas não conseguiu ser vencedor no conflito. Acabou falecendo de morte natural no reino castelhano, na cidade de Toledo, em 1248, assumindo então o seu irmão o trono como rei.

As crônicas escritas a partir do momento que Afonso III se tornou monarca buscaram legitimar o novo ramo da dinastia de Borgonha iniciado por ele. Desta forma, os relatos cronísticos compostos a partir de então destacam a “fraqueza” de Sancho II no governo e a contrapõem à “força” de Afonso III como rei. Embora em ambos os reinados a Reconquista na Península Ibérica estivesse em curso, os relatos compostos a partir do século XIV omitem este fato quando tratam do reinado de Sancho II, atribuindo o fato somente a Afonso III. Enquanto o primeiro rei é apresentado como “fraco”, devido, segundo os relatos, ao “mau casamento” com a nobre castelhana Mécia Lopes Haro, que teria lhe dado “maus conselhos”, Afonso III é apresentado como bom rei e que teria feito bons casamentos, os quais lhe proporcionaram territórios. Seu bom governo, de acordo com as crônicas dos séculos XIV ao XVI estiveram ligados à pacificação dos conflitos no reino, a ação militar na Reconquista e a obtenção de territórios através do casamento com D. Beatriz, filha bastarda de Afonso X, de Castela, que lhe garantiu a posse dos territórios no Algarve, conquistados aos mouros.

A imagem de Afonso III nas crônicas é influenciada pelo modelo dos reis bíblicos e pelo modelo do rei Artur, que como vimos apresenta traços de rei-guerreiro e rei-justo. Os bons reis bíblicos igualmente apresentam entre os seus elementos serem fiéis a Iaweh, justos e expansionistas. A imagem desses reis é explicada, por exemplo, nas figuras dos monarcas

⁴ MENDONÇA, Manuela (Coord.). *História de Portugal*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 2010, s/p.

Asa, Ezequias, Davi e Salomão, conforme descrito no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (1340). Vejamos aqui uma passagem desta fonte, tratando de Asa:

[...] foi mui bõo e mui direito, e temia Deus e quebrantou todos os idolos que achou em sa terra, e fez muitas batalhas com Basa [...] e com outros reis [...] e cobrou gram parte do reino, que havia perdido Roboam, o filho de Salamon. E venceu muitas batalhas [...] (LL, 1980, v. II/1, 1F5) .

Portanto, a característica central dos bons reis bíblicos era a fidelidade a Deus, a luta contra os seus inimigos e a tomada de suas terras. Artur igualmente age na *Historia Regum Britanniae*, no *Livro de las Generaciones* e em *A Demanda do Santo Graal* como um rei modelar em defesa do cristianismo e que procura aumentar os seus territórios através da luta pela sua fé. Percebemos que o mesmo raciocínio aparece nas crônicas para explicar o reinado de Afonso III que, segundo os relatos, manteve a paz no reino, fez a guerra contra os muçulmanos e aumentou o seu território através dessas lutas e pelo casamento. A visão geral sobre Afonso III pode ser apresentada a seguir:

“foy boom Rey, verdadeyro e prudente, e de coraçam muyto esforçado e muyto amigo da Justiça (...) regeo bem ho Reyno com devida e inteyra equidade e proveo ho povo em inteyra Justiça.” (PINA, 1977, p.170)

Vejamos a comparação das imagens entre Afonso III e Sancho II nas seguintes crônicas compostas em Portugal entre os séculos XIV ao XVI no quadro a seguir:

Quadro 3. IMAGENS DE SANCHO II E AFONSO III NA CRÓNICA GERAL DE ESPANHA (1344), CRÓNICA DE 1419 E NAS CRÓNICAS DE RUI DE PINA (1522)

SANCHO II (1223-1248)	AFONSO III (1248-1279)
FRACO	GUERREIRO
MAL ACONSELHADO	CONDUZIU BEM A JUSTIÇA
DESORDEM SOCIAL (CRIMES, ROUBOS)	ORDEM SOCIAL (REPRESSÃO AOS MALFEITORES, PROTEÇÃO ÀS VIÚVAS)
MAU CASAMENTO (D. Mécia Lopez, de Castela) (MAIS MAUS CONSELHOS)	BOM CASAMENTO (D. Beatriz, de Castela) (MAIS TERRAS PARA PORTUGAL)
INFIDELIDADE DOS NOBRES AO REI	FIDELIDADE VASSÁLICA DEMONSTRADA NA RECONQUISTA

De acordo com o Quadro 3, é possível perceber uma primeira oposição entre um rei “fraco” (Cr. 1344, 1983, p. 238; Cr. 1419, 1952, p. 219) e outro “guerreiro”, que como mencionamos não se coaduna com os fatos históricos, visto que na época de Sancho II a Reconquista já ocorria no território ibérico. Uma segunda oposição é entre os “maus conselhos” recebidos por Sancho, que segundo as crônicas o tornaram inapto a governar, principalmente em virtude do seu “mau casamento”. Rui de Pina no século XVI chega a dizer que D. Mécia havia feito “feitiços” contra Sancho II (PINA, 1977, p. 132-133). Um terceiro elemento seria a “desordem social” do governo de Sancho, mais especificamente relacionada ao período da chamada Crise de 1245 quando o monarca foi incapaz de controlar as desavenças no seio da nobreza e que ocasionaram, como salientam as crônicas, “crimes, roubos e mortes” e que são contrapostos, segundo os mesmos relatos, à “ordem social” empreendida no período de Afonso III através da repressão aos malfeitores e proteção das viúvas. Segundo a *Crônica de 1419* (1952, p. 248), além de fazer “muita justiça”, ele também “corrigiu a terra que estava muito estragada do tempo de seu irmão, o rei D. Sancho Capelo”.

O mau casamento de Sancho II, ligado a crises, estaria em oposição aos bons casamentos de Afonso III, inicialmente com a condessa de Bolonha, que lhe proporcionou terras na França e depois com Beatriz de Guzmán, que lhe garantiu territórios no Algarve através do enlace matrimonial. Os relatos sublinham ainda a infidelidade dos nobres a Sancho II, que é justificada segundo os relatos, pelo seu mau governo e enfatizam a obediência e fidelidade dos nobres a Afonso III durante a Reconquista (Cr. 1419, 1952, p. 275).

Apesar da visão negativa sobre Sancho II, um olhar mais crítico permite perceber que tal ocorreu porque ele perdeu a guerra civil e que por isso foi construída pelo grupo vitorioso no poder uma imagem que glorificasse o vencedor do conflito, Afonso III.

Para fortalecer a sua administração, Afonso III buscou o controle das rendas da coroa através das inquirições, que revelaram abusos e ilegalidades dos “grandes”. O rei procurou racionalizar os gastos da corte através de um regimento para moderar as despesas que inclusive controlava o número de trovadores no reino (SARAIVA, 1988, p. 15).

Para que as ações governamentais fossem vistas, o monarca estimulou que as leis do reino fossem lidas publicamente, como forma de divulgação de suas ações. Outro meio de “propaganda” foi a criação de um novo emblema régio adotando a bordadura dos castelos entre onze e oito e um novo título que todos os reis a partir dele passaram a adotar: rei de Portugal e do Algarve.

Entre as medidas de centralização política, ocorreram as inquirições régias realizadas em 1258, que tinham por objetivo maior controle sobre os impostos. Visando obter uma nobreza mais dócil, criou uma nobreza de corte, fiel a ele pelos serviços que lhe prestava (MATTOSO, s/d, p. 142). O rei passou a nomear nobres de categoria inferior como alcaides, além de fazer seus bastardos casarem com nobres de alta estirpe.

Apesar de prejudicada, a nobreza não resistiu. Afonso III apresentou-se como um rei pacificador das tensões entre os nobres, elemento necessário para sua manutenção enquanto classe, evitando os conflitos que explodiram anteriormente. Um exemplo desta atitude foi a lei contra as vinganças privadas que geravam guerras.

No entanto, no seu processo de centralização política Afonso III tomou medidas que desagradaram, como o controle sobre as cortes, a desvalorização da moeda, realizada em 1261, o fortalecimento do tribunal régio e a cobrança de tributos sobre territórios que a Igreja considerava que eram de sua jurisdição. Tal fato acabou levando a sua excomunhão, fato

omitido nos relatos cronísticos. Apesar disso, um balanço sobre o reinado de Afonso III apresenta um saldo positivo do seu reinado, que certamente foi beneficiado pelas imagens do rei-justo e rei-guerreiro apresentadas nos relatos arturianos que circularam na Península Ibérica.

Rei Artur: um mito em longa duração

A imagem de Artur contribuiu não somente com a construção da imagem de Afonso III nas crônicas, mas também serviu de modelo ao cronista Fernão Lopes que na sua *Crônica de D. João I* apresenta D. João I, primeiro monarca da Dinastia de Avis e Nuno Álvares Pereira, seu comandante militar, como modelos de rei e nobre ideais (ZIERER, 2010, p. 55-66).

[...] se ele (D. João) era o braço que agia para garantir a soberania da cabeça (o rei), esta não podia ter a veleidade de se intrometer no seu campo próprio, o da pura ação. Ou por outras palavras: como rapidamente terá percebido o rei, na guerra o chefe era um só (D. Nuno), e embora buscasse ritualmente a sanção real, prévia ou posterior, para os seus atos, as decisões cabiam-lhe tão de direito como os aplausos pelos resultados que obtinha.” (AMADO, 1991, p. 61)

De acordo com Teresa Amado, D. Nuno era o completo na ação de D. João e o cavaleiro ideal para ajudá-lo na luta contra o rei de Castela que queria assumir o trono como rei em Portugal, após a morte do último rei da Dinastia de Borgonha sem deixar descendentes, D. Fernando.

Outro herói importante em *A Demanda do Santo Graal* que inspirou o cronista é Galaaz, o cavaleiro virgem e sem pecados, responsável por dar cabo das aventuras naquela novela de cavalaria. Galaaz está ligado na *Crônica* ao comandante militar de D. João, D. Nuno, segundo Lopes, desejava em vida copiar o ideal de Galaaz, guerreiro puro e sem pecados da novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, responsável por dar cabo das aventuras daquela narrativa. D. Nuno, inspirado naquele herói, desejava, segunda a crônica dedicada a ele, *Crônica do Condestabre*, permanecer, tal como o personagem arturiano, se pudesse, virgem e casto e levando uma vida de devoção a Deus e de luta em defesa dos ideais da Igreja Católica. A crônica explica que D. Nuno foi obrigado a casar-se, mas depois fundou o mosteiro do Carmo onde morreu no final da vida.

Nuno Álvares Pereira, o futuro comandante militar de D. João I, é explicitamente comparado a este cavaleiro na *Crônica do Condestabre* (CC), sendo apresentado como admirador da castidade, atributo daquele Galaaz, e só tendo se casado por imposição paterna, de acordo com a crônica a ele dedicada:

Assim cresceu, andando a monte e à caça, sem entender em amor de mulheres, coisa que não lhe chegava ao coração. Tinha sim, em grande gosto

ouvir e ler livros de histórias, e mais que nenhuma, a de Galaaz e de Távola Redonda. E como ali soubesse que, por virtude de não casar, Galaaz lograra acabar tão grandes e tão notáveis feitos, desejava também ficar solteiro, pois via o rei [D. Fernando] ameaçado dos inimigos e sonhava livrá-lo com nobres façanhas de cavalaria. Porque então a honra dos fidalgos estava em amar e ser fiel a seus senhores ou reis, fonte de todos os seus bens e privilégios (CC, 1972, p. 20-21).

Na *Crónica de D. João I*, o cronista reproduz esta passagem, inspirado na *Crónica do Condestabre*, que foi a principal fonte utilizada por Fernão Lopes em seu relato (AMADO, 1991, p. 51). Segundo o cronista:

[...] desi cavallar a mōte e a caça, nom emtemdendo em amor de nehu~ua molher, nem tamsoomente lhe viinha per maginaçom; mas liia ameude per livros destorias espeçialmente de Galaaz que falla da Tavolla Redomda. E Porque em ellas achava, que **per virtude de virgi~idade de Galaaz acabara gramdes e notavees feitos**, que outros acabar nom podiam, **desejava muito de o semelhar em algu~ua guisa**; e muitas vezes **cuidava em ssi, de seer virgem se lho Deos guisasse**. E por tanto era muito afastado do que lhe seu padre fallara em feito de casamento [...] (CC, 1972, p. 69)

Como podemos ver, assim como na França, o mito arturiano em Portugal foi também utilizado como modelo de conduta da nobreza. O relato sobre D. Nuno se aproxima muito da descrição de Galaaz em *A Demanda do Santo Graal*. O condestável por sua vez estava ligado às ordens militares por ser filho do prior da Ordem do Hospital, D. Álvaro Gonçalves, sendo que para estas instituições também era importante apresentar-se como um modelo de cavaleiro perfeito.

Fica claro dentre as qualidades de D. Nuno o desejo de permanecer virgem. É bom lembrar que justamente por ser virgem e sem pecados que Galaaz é o cavaleiro eleito para encontrar o Graal.



Figura 4. Xilogravura de Nun' Alvares na edição da *Crónica do Condestabre de Portugal* de 1554.

A imagem (fig. 4) mostra D. Nuno trajando uma armadura completa, segurando uma espada. Próximo dele, no chão, está o seu elmo. A imagem da xilogravura que é a capa da crônica destinada a contar os seus feitos, destaca o seu aspecto guerreiro.

Tal como ocorrera com D. João, as características positivas de D. Nuno são previstas logo no seu nascimento para depois serem confirmadas. Assim, o pai do nobre, o prior D. Álvaro Gonçalves Pereira era voltado às ciências e prevê que *um dos filhos jamais seria vencido em combate*:

segundo contam em algu~us comtam [...] como [D. Álvaro] era sisudo e emtemdido, assi dizem que era astrollogo e sabedor; e quamdo lhe algu~us filhos naçiam, trabalhavasse de veer as naçemças delles; e **per sua sçiemçia emtemdeo que avia daver hu~u filho, o quall seria sempre vemçedor em todollos feitos darmas em que sse acertasse, e que numca avia de ser vemçido** (CDJ, I, p. 66). (grifos nossos)

Na crônica destinada a D. João I há uma passagem em que o rei se compara especificamente com o rei Artur, o que mostra que o modelo de rei justo e guerreiro ainda era importante na sociedade portuguesa no século XV, período em que a obra foi composta e também no século XVI quando foram compostos ainda em Portugal novelas de cavalaria inspiradas na *Demanda*.

Outro que procurou copiar personagens arturianos, e em especial o mesmo cavaleiro Galaaz foi o rei D. Sebastião. Este monarca acreditava que a virgindade estava ligada a uma qualidade especial e poderia fazer dele um ser superior aos olhos de Deus e de seu povo (MEGIANI, 2003, p. 64). Considerou também que a batalha de Alcácer-Quibir (1578) no Marrocos seria uma nova Cruzada dos portugueses contra os islâmicos, lutando em defesa do cristianismo, tal como antes fizera Galaaz na *Demanda*.



Figura 5. Cristovão de Moraes. **D. Sebastião**, 1571.
Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.

D. Sebastião, último monarca da Dinastia de Avis, assumiu o poder num momento em que Portugal passava por uma crise. Havia grandes esperanças em torno de sua figura, daí que o seu cognome é o “Desejado” e de ele ter recebido o nome de um santo, Sebastião, que morreu martirizado, por ter nascido no dia de comemoração a este santo, em 20 de janeiro.

Sua mãe ficou viúva antes do seu nascimento e na sua educação houve grande influência do tio, o cardeal Henrique, que lhe inculcou um forte sentimento religioso. D. Sebastião queria retomar a prosperidade portuguesa e uma das maneiras seria retomar o espírito aventureiro e cruzadístico do primeiro monarca luso, Afonso Henriques, exemplo de rei-guerreiro, vencedor dos muçulmanos na importante Batalha de Ourique (1139).

Afonso Henriques possui também vários traços arturianos, por ser conhecido como vencedor de batalhas e por haver derrotado os muçulmanos, contribuindo com uma visão de Cruzada. Tal como aquele, D. Sebastião também gostaria de, através da virgindade (como Galaaz) e do seu valor guerreiro (como Artur na *Historia Regum Britanniae*, vencer os muçulmanos. Por isso, de acordo com os relatos da época teria levado para a África, na batalha contra os islâmicos, a espada que seria de Afonso Henriques, a qual fora esquecida no navio, antes da batalha (MEGIANI, 2003, p. 91).

A morte prematura de D. Sebastião aos vinte e quatro anos na Batalha de Alcácer-Quibir (1578) no Marrocos, sem descendentes, acabou abrindo precedentes para a dominação da Espanha sobre Portugal, a União Ibérica (1580-1640), e para o sentimento de que D. Sebastião não estaria morto, mas “escondido” e que um dia iria retornar para trazer de volta novos dias de grandeza para Portugal, quando este reino voltaria a ser uma grande potência ultramarina, como nos inícios da Expansão Marítima.

Essas lendas do retorno do monarca se inspiravam na crença de um rei salvador e foram inspiradas pelas trovas de um sapateiro-poeta chamado Bandarra. Foram incentivadas ainda por falsos sebastiões, homens que se passaram pelo rei e depois foram desmascarados, em diferentes momentos. Hermann explica que foram quatro os falsos Sebastião que apareceram e que embora não fossem parecidos com o rei, era forte o sentimento do seu retorno, motivo pelo qual foram aceitos e só depois descartados (cf HERMANN, 1998, p. 249-273).

A ideia de retorno do rei foi também estimulada pela crença da população em dias melhores e por escritos que pregavam que D. Sebastião ou um seu descendente iniciaria um novo tempo. Dentre esses escritos podemos citar a obra do padre Antonio Vieira, a *História do Futuro*.

Essas ideias circularam não apenas em Portugal, mas foram trazidas ao Brasil, principalmente pelos açorianos. A figura de D. Sebastião no Brasil e o seu retorno está ligada à crença numa espécie de justiceiro, capaz de trazer melhorias aos mais humildes, daí muitos movimentos sociais messiânicos no século XIX e início do XX, defenderem a sua volta. Essas populações pobres e que desejavam terras e melhorias sociais fizeram Movimentos como de Canudos, na Bahia (1863-1869), o de Pedra do Rodeador (CABRAL, 2004, p. 61-97) e o do Reino do Encantado ou Movimento de Pedra Bonita, ambos em Pernambuco. Neste último, o sangue de seres humanos chegou a ser derramado nos rochedos na esperança do retorno do rei mítico (ZIERER, 2009, p. 70-71). No início do século XX, o movimento do Contestado, em Santa Catarina, também defendia o retorno do rei Sebastião.

O mito de D. Sebastião, o “rei-encoberto”, aquele que como Artur se espera que um dia irá retornar para trazer uma nova era de felicidade, sobrevive hoje no Brasil, na Ilha dos Lençóis, que se localiza a trezentos quilômetros do município de Cururupu, no Maranhão. O

local é habitado por uma população albina composta por pescadores, que acreditam serem filhos de D. Sebastião (FERRETI, 2013).

Segundo a crença local, D. Sebastião se encontra ali “encantado” na forma de um touro negro com uma estrela na testa e corre pela ilha nas noites de lua cheia, engravidando as moças. Porém, acredita-se que ele irá desencantar um dia, quando mais precisarmos dele e estabelecer um período de prosperidade (BRAGA, 2001).

Dentro dessa lenda há também paralelamente outra sobre a princesa Ina, a filha de D. Sebastião que habita o fundo do mar e que durante a construção do Porto do Itaqui, em 1970, matou alguns mergulhadores porque acreditava que o seu “tesouro” estava sendo depredado. A entidade teria se acalmado depois da realização de oferendas por pais de santo (FERRETI, 2004, p. 216-217). D. Sebastião é ainda uma “entidade” nos terreiros de religião afro-brasileira no Maranhão, estando portando, muito presente na cultura popular dessa região.

As histórias sobre Artur e suas reminiscências nos dias atuais mostram a importância do seu estudo ainda hoje. O rei, inicialmente um mito de resistência dos bretões contra os saxões, tornou-se um modelo de rei-justo e guerreiro, auxiliando a construção de personagens históricos como o rei Afonso III, D. João I e D. Sebastião, entre outros e possuindo relevo até os nossos dias nas culturas portuguesa e brasileira.

Referências:

1. Fontes

A Demanda do Santo Graal (DSG). Edição de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.

A Demanda do Santo Graal (DSG). Texto sobre os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

“Crónica de D. Sancho II e de D. Afonso III”. In: *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal* (ou Cr. De 1419). Ed. crítica de C. Silva Tarouca. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1952, v. I.

Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira por Autor Anônimo do Século XV. Adaptação de Jaime Cortesão. Lisboa: Sá da Costa, 1972.

Crónica Geral de Espanha de 1344. Ed. de Luís Lindley Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983, v. 4.

GEOFFREY DE MONMOUTH. *Historia Regum Britanniae (Histoire des Rois de Bretagne)* (HRB). Traduite et commenté par Laurence Mathey-Maille. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

Libro de las Generaciones (LG). In: *Crónica Geñeral de España de 1344*. Edição de D. Catalán y María Soledad de Andrés. Madrid: Editorial Gredos, 1971, v. I.

Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Org. por José Mattoso. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1980, v. II/1 e II/2.

NENNIUS, *História dos Bretões*. Trad., apresentação e notas de Adriana Zierer. In: COSTA, Ricardo (Org.). *Testemunhos da História. Documentos de História Antiga e Medieval*. Vitória: EDUFES, 2003, p. 209-253. (tradução disponível na Internet: <http://www.ricardocosta.com/nennius.htm>), acesso em 20/01/2015

PINA, Rui de. “Crónica de D. Afonso III”. In: *Crónicas de Rui de Pina*. Lisboa Occidental: Officina Ferreyriana, 1728, Ed. facsimilada. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello e Irmão, 1977.

Y Gododdin. *The Gododdin Elegies*. In: KOCH, John (Ed.). *The Celtic Heroic Age. Literary Sources for Ancient Celtic Europe and Early Ireland and Wales*. Massachusetts: Celtic Studies Publication, 1995, p. 296-337.

2. Estudos

BRAGA, Pedro. *O Touro Encantado na Ilha dos Lençóis*. O Sebastianismo no Maranhão. Petrópolis: Vozes, 2001.

CABRAL, Flávio José Gomes. *Paraíso Terreal: A Rebelião Sebastianista na Serra do Rodeador – Pernambuco, 1820*. São Paulo: Annablume, 2004.

CASSIRER, Ernest. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1992.

CASTRO, Ivo. “Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata”. In: *Boletim de Filologia*. Lisboa: nº 28, 1983, p. 81-98.

FARAL, Edmond. *La Légende Arthurienne – Textes et Documents*. Paris: Honoré Champion, 1929, 3 vols.

FERRETI, Sérgio. Encantaria Maranhense de D. Sebastião. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*. Vol. 1, n.1, 2013, p. 262-285.

Disponível em: <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/19>
Acesso em: 01/06/2015.

FERRETI, Sérgio. O Mito e Ritos de D. Sebastião no Tambor de Mina. In: 10º Congresso Brasileiro de Folclore. *Anais ...* Recife: Comissão Nacional de Folclore, São Luís: Comissão Nacional de Folclore, 2004.

HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado. A Construção do Sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Ed., 1973.

LOOMIS, Roger Sherman. *The Development of Arthurian Romance*. New York: Dover, 2000.

MARQUES, Maria Alegria. “D. Afonso III, o Bolonhês”. In: MENDONÇA, Manuela (coord.). *História de Portugal*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 2010, v. 1.

MATTOSO, José. *História de Portugal - A Monarquia Feudal*. Lisboa: Editorial Estampa, s/d, v. II.

MEGIANI, Ana Paula Torres. *O Jovem Rei Encantado. Expectativas do Messianismo Régio em Portugal, séculos XIII a XVI*. São Paulo: Hucitec, 2003.

SARAIVA, A. J. e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Ed., 1976.

SARAIVA, A.J. *Crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1988.

ZIERER, Adriana. Artur: de Guerreiro a Rei-Cristão nas Fontes Medievais Latinas e Célticas. *Brathair*. Revista de Estudos Celtas e Germânicos. São Luís, vol. 2 n. 1, 2002, p. 45-61.

Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/665/588>
Acesso em 20/01/2015.

ZIERER, Adriana. “Artur como Modelo Régio nas Fontes Ibéricas Medievais (Parte I): A Demanda do Santo Graal”. In: ZIERER, Adriana e CAMPOS, Luciana de (Coord). *Brathair*. Revista Eletrônica de Estudos Celtas e Germânicos, Edição temática Matéria da Bretanha. Rio de Janeiro, v. 3 n. 2, 2003, p. 44-61. <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/618>, acesso em 10/03/2015.

ZIERER, Adriana. Afonso Henriques, D. João e D. Sebastião: o messianismo na legitimação simbólica da Dinastia de Avis. In: VIEIRA, Ana Livia B.; ZIERER, Adriana. (Org.). *História Antiga e Medieval: rupturas, transformações e permanências: sociedade e imaginário*. São Luís: Ed. UEMA, 2009, v. 2, p.49-74.

ZIERER, Adriana M. S. Modelos de Educativos de Nobre e de Rei na *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes. *Acta Scientiarum. Education*. Maringá, v. 32, n. 1, p. 55-66, 2010.

ZIERER, Adriana. *Da Ilha dos bem aventurados à busca do Santo Graal: uma outra viagem pela Idade Média*. São Luís: Ed. UEMA, 2013.

RECEBIDO EM 30/06/2015

ACEITO EM 20/07/2015